

Reabrir a porta

Os efeitos da deterioração do ensino público fundamental nos últimos anos são mais graves do que pode parecer à primeira vista. Como observou a professora Rosina Sforza de Almeida, em artigo publicado semana passada no GLOBO, o problema não está apenas na insuficiência do aprendizado. Escolarização é mais do que a simples absorção do que é ensinado nas aulas: é na verdade a ponte para a socialização, e o professor é o agente desse processo.

Oferecer às crianças da faixa mais carente da população escolas deficientes e professores despreparados ou desmotivados é na prática, portanto, o equivalente a fechar-lhes as portas para a integração na sociedade. Mas é exatamente isso, em maior ou menor grau, que acontece hoje: as escolas públicas, talvez sem exceção, apresentam carências materiais gritantes; os padrões

de disciplina sofreram acentuada deterioração; e os professores, devido à necessidade de complementar os baixos salários que recebem, têm atividades paralelas e não podem se dedicar ao seu trabalho como deveriam, proporcionando um ensino de baixa qualidade, inclusive por serem utilizados métodos antiquados. O resultado são os altos índices de reprovação e de evasão dos alunos, para os quais virtualmente desaparece a possibilidade de ascensão social.

Esse panorama precisa mudar, mas isso só poderá acontecer quando o poder público e a sociedade deixarem de aceitar como natural ou razoável que a escola para os pobres seja uma escola pobre. Não pode haver alternativas à recuperação da antiga excelência no ensino público fundamental, que é uma necessidade para que possa ser reaberta a porta para a socialização das crianças carentes.

OUTRA OPINIÃO

Novos tempos

CARMEM LIMA CÂMARA DE MOURA

Asociedade de hoje exige uma escola sintonizada com a vida. Nessa parceria, muda a sociedade e muda a escola. A escola pública de nossa cidade do Rio de Janeiro nos tem dado sérias demonstrações de que já não carrega mais o estigma com que foi marcada em anos passados.

Ao longo do tempo, objetivos e necessidades se alteram, exigindo que as instituições também se transformem. O trabalho que vem sendo realizado pela Prefeitura do Rio em sua rede pública municipal de ensino já nos mostra de forma concreta resultados desta mudança. Partindo do princípio de que uma escola democrática é aquela que garante o direito de todos à construção de conhecimentos e valores, estamos mantendo o compromisso com nossas crianças e jovens de proporcionar-lhes um ensino de qualidade, abrindo-lhes caminho para o pleno exercício da cidadania.

Hoje, nossos 670 mil alunos estudam em escolas bonitas, pintadas, alegres, conservadas, com brinquedos, biblioteca, televisão e computador, e com espaço para o lazer. Se algumas escolas ainda não se encaixam neste perfil, estão em vias de entrar para o mesmo time, por disporem de diferentes mecanismos para uma mudança a curto prazo.

Um dos principais mecanismos relaciona-se com a política de descentralização administrativa, pedagógica e financeira da secre-

taria, o que torna mais ágil e competente o atendimento à população. Hoje, nossas dez Coordenadorias Regionais de Educação, pelas quais se distribuem as 1.029 escolas municipais, administram 94% do orçamento da secretaria, ficando apenas 6% em poder do nível central da estrutura do sistema. O que mais desejamos em nossas escolas é que a relação com a vida cidadã se estabeleça. Para criar condições para isso, temos, hoje, nosso Núcleo Curricular Básico Multieducação, ao qual se articulam Núcleos Conceituais (Identidade, Espaço, Tempo e Transformação) e Princípios Educativos. Sobre esta base, pode ser trabalhada a multiplicidade de perfis e situações que as escolas apresentam.

Em 1998, a rede pública municipal do Rio registrou o maior índice de aprovação dos últimos anos — 91%. Temos outro desafio: acabar com a evasão escolar. Nosso índice vem diminuindo ano a ano e, hoje, está em 4,53%.

Como se pode ver, no âmbito da rede pública de ensino do Rio, o "conformismo de termos escolas pobres", como acreditam alguns, há muito ficou para trás.

É importante, mais do que nunca, que todos os setores da sociedade, os críticos de plantão, os formadores de opinião, acabem com o preconceito e, com coragem e desprendimento, passem a ver a escola pública com novos olhos, que lhes permitam enxergar os novos tempos.

CARMEM LIMA CÂMARA DE MOURA é secretária de Educação do município do Rio de Janeiro.